

Criando filhos que adoram a Deus

o início de uma paixão eterna

Patrick Kavanaugh

São Paulo
Shedd Publicações

Criando filhos para adorar a Deus

o início de uma paixão eterna

Patrick Kavanaugh

Tradução
Eulália de Andrade P. Kregness

São Paulo
Shedd Publicações

Copyright © 2003 by Patrick Kavanaugh
Originally published in English under the title
Raising Children to Adore God
by Chosen,
a division of Baker Publishing Group,
Grand Rapids, Michigan 49516, U.S.A.
All rights reserved

1ª Edição - Setembro de 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME
Rua São Nazário, 30, Sto Amaro
São Paulo-SP - 04741-150
Tel. (011) 5521-1924
Vendas (011) 3577-0177
Email: sheddpublicacoes@uol.com.br
www.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-8038-000-2

TRADUÇÃO: Eulália de Andrade P. Kregness
REVISÃO: Regina Aranha
DIAGRAMAÇÃO : Edmilson F. Bizerra
CAPA: Samuel Paiva

Sumário

Prefácio: Da instrução à adoração	7
Introdução	11
1. O que é adoração?	17
2. Sua vida de adoração perante os filhos	31
3. Conheça seus filhos	45
4. O ambiente dos seus filhos: lar e igreja	59
5. Culto familiar	73
6. Os amigos de seus filhos	91
7. Princípios familiares e adoração	107
8. Ministério de adolescentes	123
9. Culto público e crianças	137
10. Etapas na vida de adoração	151

prefácio

Da instrução à adoração

Para ensinar, guiar e incentivar os filhos a seguir o Caminho, concentramo-nos em todos os aspectos possíveis e imagináveis de suas vidas. O primeiro contato que têm com a Bíblia é por meio de versões em quadrinho ou em forma de histórias bem ilustradas. Algumas Bíblias infantis são acompanhadas de vídeos e CDs. Para despertar o interesse deles por missões, levamos nossos filhos a participar de escolas bíblicas de férias, acampamentos, conferências e programas missionários. Tudo isso é válido e merece nosso tempo e energia.

Mas, normalmente, depois de uma hora de aula com os pobres e exauridos “profissionais do ministério do Senhor”, nossos filhos voltam para casa tão desmotivados e com a vida do mesmo jeito, igualzinho ao que acontece conosco, não é verdade? Será que não oramos o suficiente? Será que deixamos escapar algo melhor? Será que a comissão não deveria ter escolhido outro líder? Por que nossos filhos vivem sem estímulo espiritual? E por que nós também vivemos assim?

Erramos ao não perceber que, em qualquer área do ministério, é a adoração pura e simples que enche nosso coração e alma de interesse por Deus. A Bíblia somente se torna viva quando lida como se fosse uma carta enviada por aquele a quem adoramos. As

missões são uma resposta de amor e obediência vinda de homens e mulheres que conhecem a Jesus Cristo e estão apaixonados por ele; pessoas cuja adoração inunda os cantos mais remotos do planeta (e até da vizinhança!). A adoração é o cerne do nosso culto a Deus. É também o início e o término de nosso louvor a ele.

Voltemos aos nossos filhos que deixamos ali atrás com suas edições especiais da Bíblia, seus CDs evangélicos “da hora”, seus convites para a próxima reunião animada de adolescentes. Repararam no olhar desconfiado lançado em nossa direção? Esse olhar não deixa dúvida que *televisão e videogames são muito mais interessantes. Devo ir atrás de outra coisa? Do quê?* Nossos filhos estão buscando a chave que nem sabem como pedir. Afinal, não são apenas crianças; são almas vivas que — exatamente como nós — anseiam em ouvir e descobrir o *como* e o *porquê* da própria existência.

Você está preparado para lhes responder? Eu estou? Será que podemos abrir a porta para nossos filhos quando muitos de nós raramente se aventura até mesmo a tocar na maçaneta?

A chave — o propósito deles e o nosso — é adorar ao Deus vivo, é embarcar numa jornada de adoração pessoal que dura a vida inteira.

Você senta-se (ou fica em pé) com este livro nas mãos que pegou na prateleira porque o título é intrigante e chamou sua atenção, talvez sugerindo a resposta de uma pergunta que você nem mesmo sabe fazer. Nosso irmão Patrick apresenta uma estratégia espiritual de longo prazo, bem pensada, independente de programações e notadamente bíblica. O autor convida-nos e incentiva-nos a ajustar e adaptar sua estratégia às necessidades particulares de nossos filhos, criaturinhas únicas. Mais do que oferecer respostas, Patrick ensina-nos a fazer as perguntas certas — para o bem de nossos filhos e o nosso próprio bem.

Portanto, incentivo os leitores a lhe dar ouvidos. Espero que se convençam, como fui convencido, a atender o profundo chamado que temos como pais — não simplesmente de outros seres hu-

manos, mas de almas vivas e eternas — e ir da simples instrução à adoração. Quem sabe, durante o processo, aquela porta finalmente não se escancare em nossa vida também e junto com nossos filhos, de joelhos, aprenderemos a lição que estamos querendo lhes ensinar faz um tempão?

Michael Card

Introdução

Nos meses seguintes ao lançamento de meu livro *Worship—A Way of Life* [*Adoração — um caminho de vida*] fui entrevistado numa dezena de programas cristãos de rádio. Os entrevistadores, que eram de muitos lugares do país e representavam uma variedade de denominações, fizeram as mais diferentes perguntas sobre adoração, tanto pública quanto particular.

Contudo, um tema foi recorrente nos programas. Absolutamente todos os entrevistadores perguntaram — de iniciativa própria — algo neste sentido: “Como *ensinamos os nossos filhos* a adorar a Deus?” Uma pergunta bastante importante, sem dúvida, nenhuma!

A NECESSIDADE DO MOMENTO

Para começar, gostaria de dizer que todos os pais cristãos devem se esforçar para transmitir a fé bíblica a cada um de seus filhos. O resultado será a salvação eterna das crianças, bem como uma existência inteira conhecendo e servindo ao Senhor. Logo que alguém se torna pai, essa “passagem do bastão”, por assim dizer, tem de ser um aspecto primordial em sua vida.

Essa responsabilidade que vem de Deus é enfatizada repetidamente em toda a Bíblia. A Bíblia é clara sobre o assunto, desde a ordem de Moisés sobre as leis de Deus: “Ensine-as com persistência

a seus filhos” (Dt 6.7) até a admoestação de Paulo para criarmos os filhos “segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4).

Por isso, é triste saber que nos últimos séculos algumas igrejas cristãs não têm enfatizado esse ensino. Samuel Taylor Coleridge, poeta e filósofo britânico, conversava com um cavaleiro que insistia em dizer que qualquer ensino religioso dado às crianças era cerceamento da liberdade que elas têm de se expressar e escolher o próprio caminho. Coleridge evitou discutir, mas levou o cavaleiro até seu jardim, que andava bastante negligenciado. O visitante ficou atônito.

— O senhor chama isto de jardim? Não existe nada aqui, a não ser erva daninha!

— Veja bem — respondeu secamente o poeta — não tenho a mínima intenção de cercear a liberdade do jardim. Estou apenas lhe dando a chance de se expressar e de escolher o que deseja produzir.

Na sociedade secular em que vivemos, essas ideias “liberais” continuam se propagando. Talvez sejam consideradas politicamente corretas, mas são bíblicamente *incorretas*.

Certa vez, um jovem pai disse-me que, embora fosse cristão, daria total liberdade aos filhos para “descobrir a verdade por si mesmos”. Não ofereceria nenhuma orientação paterna durante a formação das crianças. Esse amigo bem intencionado levou um susto quando lhe respondi: “Infelizmente, Satanás não tem o mesmo escrúpulo”. O mundo ao nosso redor tem muito prazer em levar nossos filhos — e com mão firme — para bem longe da fé.

Criar filhos que desenvolvam uma fé pessoal e sincera em Jesus Cristo é a necessidade do momento. Se desde o início do cristianismo, todos os pais cristãos tivessem sido bem-sucedidos em transmitir a fé em Jesus a cada um de seus filhos, a maioria da população mundial estaria seguindo o Senhor há séculos. Provavelmente, os grandes ministérios e programas evangelísticos de nossos dias nunca teriam sido necessários. Qualquer evangelista que contempla um grupo de convertidos em potencial, em geral, está diante de pessoas

que tiveram ancestrais cristãos — mas a certa altura da vida a linha foi interrompida, o bastão caiu.

Antes de prosseguir, gostaria de enfatizar duas questões importantes a respeito de inspirarmos nossos filhos a ter fé em Deus:

1. Alguns pais fazem todo o possível para que seus filhos abracem a fé em Cristo, mas eles acabam rejeitando-a. Acontece que os filhos têm livre arbítrio e prestarão contas individualmente ao Senhor Deus. Os pais não devem se esquecer disso, sobretudo para não carregar nenhum sentimento de culpa. Ainda que façamos tudo certo, alguns filhos decidem se rebelar.

Por falar nisso, não acontece o mesmo com os filhos de Deus? Sem dúvida nenhuma, nosso Deus é o pai *perfeito* e, mesmo assim, já foi rejeitado por milhões de seus filhos. Em referência à vinda de Jesus ao mundo, o evangelho afirma: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (Jo 1.11). Se a gente se rebela contra o pai perfeito, por que nossos filhos não se rebelariam contra nós e nossas crenças? Mesmo assim, nossa tarefa é fazer de tudo para incentivar sua fé e entregar o resto nas mãos de Deus.

2. Embora devamos criar nossos filhos de modo a serem encorajados na fé, chega uma hora em que têm de *tomar posse dessa fé*. Como diz o velho ditado: “Deus não tem netos”. Querer que os jovens frequentem a igreja só “porque os pais sempre frequentaram” não é o motivo certo. Isso funciona com crianças, mas não com adultos. Mais cedo ou mais tarde, cada indivíduo tem de tomar sua própria decisão de seguir a Jesus ou de rejeitá-lo.

Infelizmente, muitos jovens que acreditam na Bíblia de todo o coração quando são crianças, não conseguem transportar a fé em Jesus para a vida adulta. Repetindo, a tarefa dos pais é criar os filhos de modo a que se tornem adultos consagrados a Deus.

O LUGAR SUPREMO DE INTIMIDADE E ADORAÇÃO

“Está bem”, concorda você. “Quero ver meus filhos se transformarem em cristãos adultos firmes em sua fé. Para tanto, ensino-

os a orar e leio a Bíblia com eles. Mas o que você quer dizer com ensinar meus filhos a *adorar*? Não é isso que fazemos na igreja todos os domingos?”

Agora, chegamos ao objetivo deste livro. Como escrevi em meu livro *Worship—A Way of Life* [*Adoração — um caminho de vida*], a verdadeira adoração vai além do que fazemos juntos na igreja. A verdade é que em um número demasiado grande de igrejas, os cultos são praticamente um acontecimento para os *adultos*, o que deixa as crianças confusas, ou entediadas, ou as duas coisas. Como ministro de música, ao observar o auditório quase sempre vejo pais cantando a Deus de todo o coração — totalmente alheios à indiferença dos filhos, que obviamente prefeririam estar em outro lugar.

Não, não, este livro não trata desse tipo de “adoração”.

Cada um de nós foi criado para adorar a Deus todos os dias em casa, no escritório, no carro — onde quer que estejamos. E a *adoração individual* é a forma mais “pura” de adoração. Pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento — não exige templo, coral, hino nem mesmo Bíblia. Exige apenas um coração pronto a declarar a Deus: “Eu o amo. Louvo-o pelo Senhor ser quem é. Agradeço porque o Senhor me ama e me chama de seu filho”.

É essa atitude de coração que desejamos que nossos filhos tenham.

Adoração é uma forma íntima de louvor. Não tem que ver com cânticos, frequência aos cultos, rituais exteriores. Tem que ver com o desenvolvimento e nutrição de um relacionamento interior com Deus.

Faz mais de vinte anos que trabalho com crianças de lares cristãos, como diretor do ensino fundamental e também como professor do ensino médio (em escolas cristãs, nos dois casos) e, agora, como diretor de um acampamento de música para jovens e adolescentes. Tenho experimentado a alegria de ver muitos jovens cristãos transportarem sua fé em Cristo para a vida adulta e sofrido a angústia de ver outros abandoná-la quando deixam a infância para trás. Além disso, minha esposa e eu criamos quatro filhos maravilhosos,

e todos os quatro amam profundamente a Jesus, mas cada um de seu próprio jeito.

Observo repetidamente como o senso comum sobre criação de filhos ditos nos círculos cristãos atuais são ineficazes. Por quê? Porque, em geral, envolvem fazer coisas exteriores de certas maneiras. Por exemplo, basta que nossos filhos frequentem os cultos, entoem os cânticos, memorizem alguns versículos e entreguem suas ofertas — bom, assim cumprimos nossa tarefa de pais, certo?

Obviamente tudo isso é bom, mas não representa um fim em si mesmo. São meios que levam ao objetivo maior: conhecer a Deus intimamente. Essas manifestações visíveis têm de ser ensinadas aos nossos filhos, claro. Mas à medida que crescem, necessitam de algo mais profundo que demonstrações exteriores. Precisam adorar ao Senhor por iniciativa própria. De outro modo, farão parte daquele grupo contra quem Isaías e Jesus falaram: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15.8). O *coração* de nossos filhos é que deve se voltar para Deus. A não ser que os jovens cristãos desenvolvam um relacionamento íntimo com Cristo, normalmente considerarão atividades como ler a Bíblia e ir à igreja algo remanescente de uma infância desinformada.

Através dos tempos, essa é a experiência das pessoas que amam o Senhor Jesus. Thomas à Kempis afirma em seu clássico centenário, *A imitação de Cristo* (São Paulo: Shedd Publicações, 2001): “Se permitirmos que o progresso de nossa vida religiosa dependa simplesmente da aparência externa, nossa dedicação desaparece rapidamente”. Caso essas atividades na vida de nossos filhos — por mais importante que sejam — não passarem de atitude exterior, serão facilmente descartadas como parte da infância (como Papai Noel e o coelhinho da Páscoa) quando ela se acabar. Por outro lado, a adoração individual continua porque é puramente interior. Ficar sozinho na presença de Deus, adorando-o, expressando-lhe louvor e gratidão é fruto de um relacionamento genuíno com o Senhor. Essa é a diferença entre fazer *algo* e conhecer *alguém*.